

Frades do Vicariato lançam livro de reflexões vocacionais

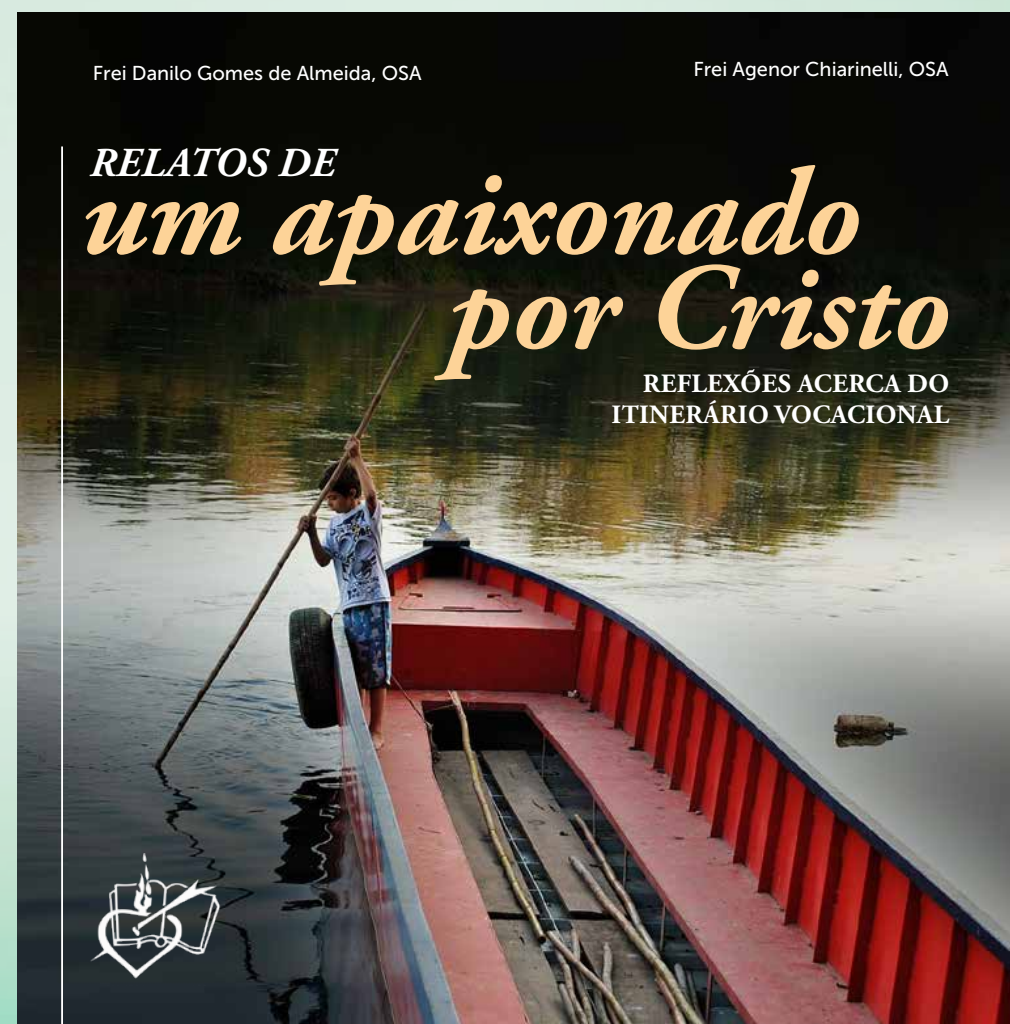
“Há muito tempo Frei Danilo havia me falado da possibilidade de participar na confecção desse Livro através das fotos. Ficamos apenas na conversa. O tempo passou e neste ano ele me procurou para realização desse sonho. O nosso objetivo é fazer com que o leitor possa pensar e refletir ao mesmo tempo em que se encanta com a beleza das imagens conjugadas com o texto.

Agradecemos à SIC pela participação nesse projeto.

Frei Agenor Chiarinelli.”

“Relatos de um apaixonado por Cristo - Reflexões acerca do itinerário vocacional, surgiu a partir da experiência de oração pessoal durante o meu período de formação. É uma obra simples, pequena, mas permeada pelo carinho de Deus que sempre nos conduz com sua graça e misericórdia. Assim, o leitor é convidado a “rezar” com essa obra, observando com os “olhos” do coração cada palavra e imagem. Deus nos fala na simplicidade, e nesse gesto nos revela seu amor, por isso compartilho com cada um de vocês o fruto desse encontro cotidiano com o Senhor. Que Ele que me inspirou lhe abençoe hoje e sempre.

Fr. Danilo Gomes”



Inquietude

VICARIATO AGOSTINIANO NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO DO BRASIL
ANO XVI | Nº 89 | Dezembro de 2017

E a palavra se encarnou

- A palavra é viva quando toca a alma.
- A palavra é faca se corta o medo.
- A palavra é chama quando arde no coração dos excluídos.
- A palavra é caminho se arrebenta o muro.
- A palavra é música quando constrói a liberdade.
- A palavra é alicerce se sustenta a utopia.
- A palavra é fogo quando derruba o opressor.
- A palavra é fonte se sacia a sede.
- A palavra é luz quando ilumina a consciência.
- A palavra é grito se volta agora à rua.
- A palavra é benção quando reconcilia os inimigos.
- A palavra é divina se te faz humano!

Parabéns!!!

Colégio Aiacom, no Rio de Janeiro, celebra 25 anos de história.





ENCARNAR-SE COM DEUS

O final do ano se aproxima e a vida novamente se renova como oportunidade de transformação para todos nós. Em um ano de muitas adversidades, acreditamos na verdadeira força humanizadora de Deus na figura de um menino deitado na manjedoura. E tudo isso resultou de uma decisão de uma mulher. Uma mulher que foi capaz de olhar para a sua vida e dizer sim a um projeto totalmente fora de seus planos. Ela, cedendo os seus próprios impulsos à vontade do Pai, cumulou a terra de graça e fez com que toda a humanidade se rejubilasse com a presença do próprio Deus feito carne no meio de nós.

Santo Agostinho de Hipona deixa claro a sua satisfação em ver em Maria, o meio concreto pelo qual Deus, Todo-Poderoso, assume uma natureza frágil para resgatar toda a criação através do amor. "Em Cristo, fez-se homem quem fez o homem; nasceu de uma Mãe que Ele criou; foi conduzido por mãos que Ele mesmo formou e nutriu-se de seios que Ele mesmo prodigalizou." Sermão 188, 2.

Resgate. É incrível pensarmos na condição assumida por Deus para resgatar o gênero humano. O amor de Deus pela sua criação o faz um ser criativo. Ele se reinventa no ventre humano. E se encarna, habitando no meio de nós. Ele se alimenta daquilo que Ele mesmo criou, para dignificar a vida humana. E ao dignificar a vida humana entrega em nossas mãos a continuidade do resgate de tantas outras vidas. Vidas que vemos abandonadas dormindo nas calçadas das grandes cidades, esquecidas nas mortes fúteis pela ambição dos bens materiais, nas enormes filas em busca de um emprego para sua sobrevivência, negada nos atos discriminatórios de raças, credos, gêneros e orientações de vida e ferida pela ignorância de tantos que não conhecem a tolerância como espaço de encontro das diferenças próprias do seres humanos.

Nesse processo, nos parece formidável percebermos a importância que o simples alcança no processo salvífico. O simples em forma de mulher. Maria reflete a disponibilidade humana diante do transcendente e a capacidade que Deus pôs em cada um de nós de assumirmos o projeto de libertação presente na construção do Reino de Deus. Através do seu exemplo todos nós nos tornamos sinais visíveis da força humana que encontra na esperança de um mundo melhor, o motivo para seguir caminhando e lutando a favor da justiça de uma maioria anônima que geme e sofre a falta de respeito humano. Anônima como a Menina de Nazaré também o foi, mas que guardava em seu coração, a beleza e o sonho de ver a felicidade se concretizar na presença de seu filho, o Cristo Messias.

Como nos recorda o Sermão 184,1 de Santo Agostinho "uma mulher nos trouxe a vida" e continua a sustentá-la todas as vezes que estamos ao lado da luta pela liberdade e o amor. Maria se faz presença doce e terna na certeza de que somos acolhidos nos braços do Pai independente de nossa condição. A memória do natal nos faz compreender por que Deus quis ter uma mãe e receber o amor materno ao se encarnar no meio de nós. Basta querermos também encarnarmos com Ele, por um mundo melhor.

Frei Arthur Vianna Ferreira, OSA
freiarthur@ig.com.br

ACONTECEU É NOTÍCIA



Frades na Assembléia Vicarial, no Santuário de N. Sra. Aparecida.



Freis Tailer, Paulo e Leandro celebram Profissão Solene.



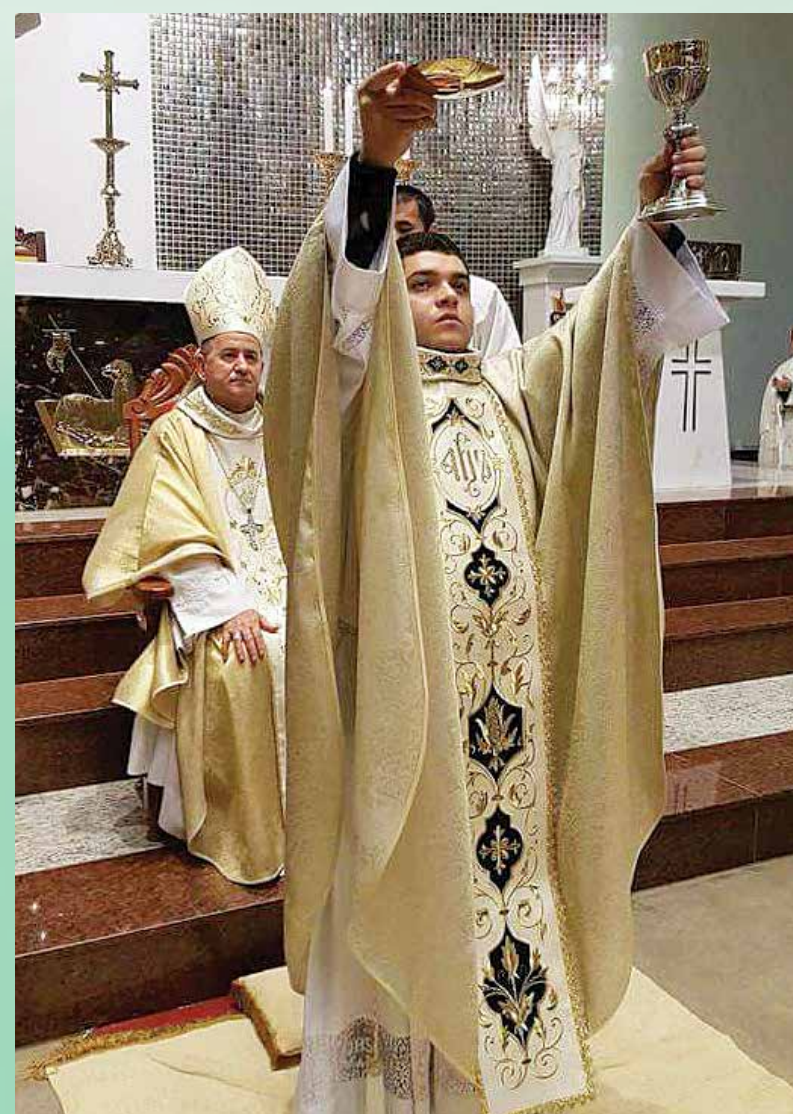
Professos temporários participam de feira vocacional.



Comunidade do Teologado celebra o martírio de Santo Dias.



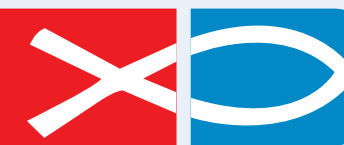
Assembleia Vicarial.



Frei Rodrigo é ordenado presbítero.



Encontro Vocacional Nacional.



"RESTA-NOS ACENDER... A ESPERANÇA!"

O ser humano é um ser de possibilidades, de utopias, de esperança; não está fechado sobre si mesmo, mas tende para o futuro, para o novo, para o transcendente! Todavia, ao olharmos à nossa volta, percebemos que uma apatia generalizada tem impedido o ser humano de lançar-se corajosamente ao futuro, através de projetos de transformação da realidade. O grande engendrador dessa situação é o sistema neoliberal, que extrapolando os limites da economia e da política, lança sua influência sobre a cultura. A propagação de uma contra-utopia do status quo – alimentada pelas falsas imagens de uma ideologia triunfante, do modo de produção de máxima eficácia produtiva e distributiva, e da liberdade social e individualismo competitivo e consumista – induz as pessoas a não vislumbrarem outro mundo possível. Ademais, o autocentrismo do sujeito – conjugado de maneira paradoxal com o valor da exterioridade – somado à inexistência da história e à negação da alteridade é a marca fundamental da cultura atual. Parece não haver esperança!

No entanto, se perscrutamos bem os sinais dos tempos, ainda subsistem forças utópicas capazes de lançar-nos ao futuro e comprometer-nos com o presente. No rol dessas forças está a própria mensagem cristã, sobretudo desde sua perspectiva escatológica. É fato que, ao longo da história, a escatologia sofreu uma série de deslocamentos, tratando, muitas vezes fantasiosamente, sobre o fim da pessoa e do mundo. Não obstante, o que, em suma, a escatologia coloca em discussão é a esperança cristã: "tudo o que Deus criou para chamar a uma plenitude de vida não só não volta para o nada, mas acede em sua totalidade e em cada uma das suas partes à plenitude interior e durável de sua essência, ao ser admitido a participar da vida eterna de Deus." (LACOSTE, 2004, p. 620)

Nesse sentido, vale a pena nos aproximarmos da reflexão do teólogo alemão e luterano, Jürgen Moltmann, que com grande propriedade articulou escatologia e história, a esperança cristã e a transformação da realidade. Em sua obra Teologia da esperança, Moltmann propõe uma nova compreensão da escatologia cristã, que fundamentada na esperança das promessas de Deus, desde o Antigo Testamento, passando pelo evento Jesus Cristo, o ressuscitado crucificado, aponta para o futuro do Reino de Deus, que embora já presente, ainda não o está totalmente. Nessa tensão, vive a comunidade cristã, uma comunidade exodal, que nos passos do seu Mestre, deve continuar no mundo sua missão.

Assim, a dimensão escatológica da fé passa a ser um impulso para a transformação da realidade. A vocação do cristianismo na sociedade não é mera propagação e apologia da fé, mas antes de tudo, transformação histórica da vida. Ao levantar a questão do sentido, a esperança cristã questiona a ausência de questões, a desesperança, o nada, a morte. Com isso, busca sempre superar "o atual e o presente pela orientação para o novo esperado e procura ocasiões para fazer corresponder sempre mais a realidade presente ao futuro prometido." (MOLTMANN, 2005, p. 411).

Impõe-se aos cristãos, portanto, um "seguimento criativo" que rompa com as ordenações sociais e jurídicas e a sua manutenção. A vida só tem sentido quando engajada. E, segundo Moltmann, "para engajar-se na exteriorização de si mesmo, é necessário ter um horizonte de esperanças que dê sentido à exteriorização, um horizonte de esperanças que abranja os campos e os terrenos em que o trabalho da exteriorização se deva realizar, e para os quais se realiza". (Ibidem, p. 419)

Enfim, o mundo não está concluído, mas em processo histórico. A história não chegou ao seu fim! É possível vencer a apatia pós-moderna, a falta de esperança! É possível despertar o ser humano para a exteriorização amorosa e servicial! Outro mundo é possível! Só nos cabe, como poetizou certa vez um grande profeta da esperança, Dom Helder Câmara, "acender cem vezes, mil vezes, um milhão de vezes a esperança, que ventos perversos e fortes teimam apagar". Eis a vocação do cristão: acendedor de esperança!

Tailer Douglas Ferreira

Referências bibliográficas
LACOSTE, Jean-Yves. Dicionário crítico de teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.
MOLTMANN, Jürgen. Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. 3. ed. São Paulo: Editora Teológica: Loyola, 2005.